

De
PROJECTOS
ESPECIAIS
23 de Janeiro de 2007

ERNST & YOUNG Entrepreneur Of The Year



Quem são os maiores empreendedores portugueses

Foi em Dezembro que foram divulgados os premiados e finalistas portugueses do Ernst & Young Entrepreneur Of The Year, que decorreu pela primeira vez em Portugal. Saiba quem foram.



Patrocinadores:

Diário Económico

FORTIS

IAPMEI
Instituto de Empresas

RFM
SÓ GRANDES MÚSICAS

Com o apoio institucional do Icep Portugal e Confederação da Indústria Portuguesa

ENTREVISTA TERESA COCHITO Country Managing Partner da Ernst & Young em Portugal

“Não se sabe o suficiente sobre o que Portugal tem de bom”

LANÇAR O PRÉMIO EM PORTUGAL foi o desafio a que se propôs. Acredita que, apesar de poucos, os empreendedores portugueses são tão capazes como os internacionais.

O prémio “Ernst & Young Entrepreneur of the Year” já existe há 21 anos. Porque decidiram realizar este ano em Portugal?

Bem, apesar de a nossa economia ainda apresentar uma fraca expressão de empreendedorismo, achámos que, no momento crítico em que estamos, era importante dar um empurrão. Portanto, pensámos que este seria o momento certo para lançar a iniciativa no nosso país. Em segundo lugar, porque, para a consolidação da retoma, é imperativo ter empreendedorismo, ou seja, iniciativa privada; e em terceiro, porque achamos que é preciso contrariar a nossa tendência para o pessimismo e imobilidade. Esta é a nossa forma de contribuir para o dinamismo da economia. Temos também obrigação de divulgar o sucesso dos nossos empreendedores, divulgar a qualidade e perseverança que têm. Não se sabe o suficiente sobre o que temos de bom. A visibilidade e o alto nível de internacionalização que tem o prémio “Entrepreneur of the Year” - é o único prémio ao empreendedorismo com este prestígio e com uma expressão global - fez-nos pensar que seria um factor de motivação e de persuasão para os nossos empresários se mobilizarem. Mas também gostamos de pensar que o nosso “Entrepreneur of the Year” vai representar Portugal e isso é uma ‘achega’ à nossa projecção internacional. Agora contamos realizar a iniciativa regularmente.

Podemos considerar que o prémio “Master Entrepreneur of the Year” é o reconhecimento de uma carreira de sucesso sólida?

Não propriamente. O prémio não se dedica nem a reconhecer uma carreira nem a premiar uma ‘start-up’. É, sim, para premiar uma iniciativa empresarial que revele espírito empreendedor, um elevado grau de inovação e uma estratégia sustentável, mas que igualmente crescimento nos últimos três anos e uma performance financeira com provas dadas também nos últimos três anos. Portanto, exige uma solidez de estratégia.

Belmiro de Azevedo foi o grande vencedor da edição portuguesa do prémio e nas edições do “World Entrepreneur of the Year” também foram premiados empresários com longas carreiras empresariais...

Sim, pode ser um prémio de carreira, mas só se o empresário apresentar sucessivos projectos e se nos últimos três anos apresentou dinâmica de empreendedorismo. E temos vários casos. Por exemplo, um dos vencedores do prémio mundial foi Wayne Huizenga, que é o fundador da Blockbuster, da Waste Management e que tem seis empresas cotadas na bolsa de Nova Iorque. Portanto, pode ter uma carreira enorme, mas na altura em que recebe o prémio, os últimos três anos têm que ser representativos desse dinamismo.

Que características comuns têm os nomea-

dos portugueses para os prémios?

Têm todos em comum o espírito empreendedor, abertura ao exterior, ou seja, uma mentalidade internacional, têm persistência (não desistem aos primeiros reveses) e têm, todos, um cunho de integridade pessoal, preocupação com a comunidade e responsabilidade social.

Os empresários portugueses têm medo de arriscar?

Nem sei bem se se pode falar em medo de arriscar, já que não há risco maior do que o de ficar parado, fechado num canto, porque essa, sim, é a morte certa! Mas, de forma geral, penso que há falta de arrojo, de “à vontade” na arena internacional. Há tendência para procurar segurança e há pessimismo, derrotismo, que na maior parte das vezes justifica não se fazer nada e às vezes camufla-se a inércia como se fosse prudência. Nós vemos que, em Portugal, mesmo ao nível de recém-licencia-

Penso que há falta de arrojo, de “à vontade” na arena internacional. Há tendência para procurar segurança e há pessimismo, derrotismo.

dos, há ainda mais tendência para procurar um emprego com segurança do que para abraçar uma iniciativa empresarial.

Entre os nomeados estão três empresas de software. É o ramo de actividade onde é preciso investir mais?

Bom, esta é uma área que se cruza com as preocupações da Agenda de Lisboa e do Plano Tecnológico do Governo. É uma área onde há grandes oportunidades, não só porque as há a nível nacional, mas também há oportunidades em vários nichos nas economias que estão a determinar as tecnologias de ponta. Nós temos dois casos, o da Critical Software e o da Chipidea, que foram encontrar oportunidades nos mercados mais sofisticados. Portanto, é uma zona que pode constituir um nicho inteligente, uma zona que não precisa de uma grande dimensão. Precisa de mão-de-obra muito qualificada, mas não em muito grande número. Pode ser assim adequado às características do país.

O que realça de cada um dos vencedores: Belmiro de Azevedo, Rui Nabeiro, Gonçalo Quadros e Epifânio da Franca?

Penso que Belmiro de Azevedo se destaca pela audácia, pelo alto nível de internacio-



Teresa Cochito considera que a área tecnológica está cheia de oportunidades a nível nacional e não só.

nalização e pela própria dimensão da presença internacional - a Sonae é, sem dúvida, a nível nacional, a empresa mais internacionalizada. E depois, não pára! Penso que vamos ser bem representados no Mónaco. Estou convencida que é bom para o país. Belmiro de Azevedo tem boas hipóteses no prémio internacional.

Rui Nabeiro... Eu diria a persistência sábia, a responsabilidade social, criando constantemente valor para a comunidade. E a paixão que ele tem pelo seu produto. Quando fala de café, brilham-lhe os olhos. De facto, quando um indivíduo é um embaixador deste calibre do seu empreendimento, o sucesso... está lá! É uma pessoa que tem uma noção muito completa do que é a responsabilidade social de uma empresa. Gonçalo Quadros e Epifânio da Franca têm em comum a acutilância para encontrar oportunidades em áreas de tecnologia de ponta, e que exigem as mais altas qualificações, e têm ambos a capacidade de fazer a transposição da esfera académica para a empresarial. Portugal tem muito de bom. Temos é um problema de massa crítica. Quando temos coisas boas, elas são-no em qualquer parte do mundo. ■

PERFIL

TERESA COCHITO

■ Licenciada em Matemática no ramo de Estatística e Computadores, Teresa Cochito leccionou no Instituto Superior Técnico ao mesmo tempo que desenvolveu sistemas de informação para uma empresa de engenharia de projectos. Passou pela Digital Equipment Corporation, interessando-se aqui pela área da gestão. Obteve formação em Business Administration em França, Suíça e Portugal. Em 1989, juntou-se à Ernst & Young para desenvolver um projecto de raiz: a criação dos serviços de consultoria em gestão e sistemas de informação. Está no comando de todas as operações portuguesas da consultora desde 1999. Sempre que pode, ouve ópera e corre atrás das suas performances preferidas no estrangeiro.

O PRESIDENTE DO JÚRI**Basílio Horta**

Advogado e docente, é um dos fundadores do CDS, partido do qual fez parte da comissão política. Entre 1988 e 1991 chegou a ser vice-presidente do partido, e a candidatar-se às eleições presidenciais. Foi ministro do Comércio e Turismo no II e VI Governos Constitucionais, integrou o VII Governo Constitucional como ministro-adjunto do Primeiro Ministro e no VIII teve a seu cargo o ministério da Agricultura e Pescas. Antes de assumir a presidência da API (Agência Portuguesa para o Investimento), Basílio Horta foi chefe da delegação permanente de Portugal junto da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico). Foi o modelo mais eficaz de promoção do destino de Portugal, liderado pela Agência, que fez com que o país subisse 36 lugares na atracção de investimento de 2005 para 2006. **A.G.**

O JÚRI**Carlos Zorrinho**

Doutorado em Gestão de Informação, Carlos Zorrinho é Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico. Na sua experiência académica ocupa e ocupou vários cargos: para além de professor catedrático de Gestão de Empresas, foi Presidente do Conselho Directivo da Área Departamental de Economia e Gestão da Universidade de Évora, Presidente do Conselho Científico da Área Departamental de Economia e Gestão, também desta Universidade, Pró-Reitor para o Desenvolvimento Estratégico, Director do Mestrado em Organização e Sistemas de Informação e Coordenador da Linha de Investigação em Viabilidade Organizacional Na política, esteve ligado ao PS. **A.G.**

Júri de luxo com escolhas difíceis

LIDERADOS POR Basílio Horta, foram seis as pessoas escolhidas para completar o júri.

Perante o alto nível de todos os candidatos, os membros do júri tiveram dificuldade em seleccionar os nomeados a melhor empreendedor do ano. O comentário é do presidente do júri, Basílio Horta, na gala de entrega do Prémio "Entrepreneur of the Year" em Portugal. "O júri não teve tarefa fácil", afirma Teresa Cochito, presidente da Ernst & Young em Portugal.

No dia 11 de Dezembro do ano passado, Carlos Zorrinho (Coordenador do Plano Tecnológico), Nuno Amado (Presidente do Banco Santander Totta), Miguel Athayde Marques (Presidente da Euronext Lisbon), Jaime Andrez (Presidente do IAPMEI), Diogo da Silveira (Presidente da ONI-Telecom) e Vera Pires Coelho (Presidente do Grupo Edifer) escolheram e

divulgaram os grandes vencedores do prémio da Ernst & Young.

O júri foi escolhido muito antes da selecção dos nomeados. A diversificação das áreas - da financeira à tecnológica, passando pela construção - e o reconhecimento dos nomes foram os critérios tidos em conta pela consultora. As entidades públicas foram representadas por Basílio Horta, Jaime Andrez e Carlos Zorrinho. Depois, a Ernst & Young foi contactando os outros elementos, até formar os sete membros do júri. A total independência e seriedade do júri foram evocadas por vários nomeados contactados pelo Diário Económico e também por Teresa Cochito: "Um dos cunhos fundamentais do prémio é o prestígio, o renome e a independência do júri em relação à Ernst & Young", afirma. ■

Diogo da Silveira

Presidente do Conselho de Administração da ONI-Telecom desde 2005, Diogo da Silveira já passou por outras grandes empresas. Entre 1989 e 1997, foi sócio na McKinsey & Company e entre 2002 e 2005 foi Administrador Executivo da Sonae Indústria SGPS. Além de formação em engenharia electrónica, foi Research Scholar na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos e possui um MBA do INSEAD. É ainda Presidente da Associação Portuguesa de Alumni do INSEAD. **A.G.**

Jaime Serrão Andrez

O presidente do Conselho Directivo do IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento), Jaime Andrez foi Presidente do Conselho de Administração de Instituto Nacional de Propriedade Industrial, membro do Conselho Superior de Ciência, Tecnologia e Inovação, exerceu o cargo de Secretário de Estado do Comércio e Turismo e fez parte dos conselhos de Administração de várias instituições. Licenciado em Organização e Gestão de Empresas, Jaime Andrez foi, em 1993, distinguido pelo Presidente da República com o grau de Comendador da Ordem do Mérito Comercial, Agrícola e Industrial. **A.G.**

Miguel Athayde Marques

O actual presidente da Bolsa de Valores de Lisboa - Euronext - já tem uma longa carreira. Doutorado em Gestão de Empresas pela Universidade de Glasgow e licenciado em Administração e Gestão de Empresas pela Universidade Católica, Athayde Marques foi, entre 2000 e 2004, administrador executivo da Caixa Geral de Depósitos e, entre 1996 e 2000,

pertenceu à Comissão Executiva da Jerónimo Martins. Foi também presidente do Conselho de Administração do ICEP, membro do Conselho de Administração do Banco de Fomento e Exterior e membro do Conselho Geral do Grupo BFE. **A.G.**

Nuno Amado

Este licenciado em Organização e Gestão de Empresas iniciou a sua carreira profissional como auditor na Peat Marwick/KPMG e no Citibank Portugal. Hoje, e desde Julho de 2006, quando substituiu Horta Osório, é o Presidente Executivo do Banco Santander Totta. Foi depois de uma passagem pelo Deutsche Bank de Investimentos que entrou no Grupo Santander, em 1997, assumindo um lugar na comissão executiva do Banco Santander de Negócios e do Banco Comércio e Indústria/Banco Santander Portugal. Antes disso, já tinha ocupado o cargo de vice-presidente e em 1990 foi secretário Geral do Banco Fonseca & Burnay. **A.G.**

**Vera Pires Coelho**

Licenciada em Economia e com um MBA feito na Universidade Nova de Lisboa, a Presidente Executiva do Grupo Edifer tem a sua vida profissional muito ligada a esta grande empresa de construção, onde já foi Presidente do Conselho de Administração da Edifer SGPS e da Edifer Construções SA. Em paralelo, Vera Pires Coelho foi vogal da direcção da Associação Nacional dos Empreiteiros de Obras Públicas (ANEOP), Presidente da Direcção do Fórum de Administradores de Empresas (FAE), fundadora do CRXXI - Clube de Reflexão, vogal do Conselho Geral AEP (Associação Empresarial de Portugal), membro do Conselho Consultivo da Universidade Nova de Lisboa e do Conselho Geral da COTEC. A Edifer está no top ten das construtoras nacionais. **A.G.**



Paulo Figueiredo

Belmiro de Azevedo: “Um ‘entrepreneur’ não tem fim de carreira”

Marina Conceição
mconceicao@economicasgps.com

Belmiro de Azevedo foi considerado o grande Empreendedor do Ano 2006 em Portugal. O presidente da Sonae, que arrecadou o galardão principal da Ernst & Young, sente que viu o seu esforço reconhecido, “em especial por surgir na sequência de uma apreciação feita por terceiros num processo de selecção estruturado e sério”.

Este não foi um prémio de carreira nem Belmiro de Azevedo o entendeu como tal. “Sinto-me activo (alguns dizem “superactivo”) e um ‘entrepreneur’ não tem fim de carreira”, explica. Para o único português que consta na lista da revista Forbes como um dos 500 homens mais ricos do mundo, a vitória atribui-se ao facto das suas empresas “terem tido sucesso, serem altamente criativas e ousadas, sem nunca perderem de vista a necessidade de crescimento sustentado, em ambiente competitivo global e com sucesso económico, financeiro e profissional”, defende. No dia da gala da Ernst & Young, Belmiro de Azevedo disse que “falar pouco, trabalhar muito e pôr os outros a trabalhar muito é o que melhor define o verdadeiro empreendedor”. Mas para o empresário, “trabalhar muito não é sobrecarregar as pessoas com demasiadas horas de trabalho”. Tem mais a ver com a atitude e a “vontade de realizar coisas novas e acrescentar valor”. Portanto, o que está em causa não é o esforço mas o prazer do trabalho. “As pessoas, em geral, quando fazem aquilo que gostam, não contam as horas de esforço, mas de satisfação”, continua. “Na Sonae somos empreendedores. Em Portugal e no mundo, na família e no trabalho.” É assim que Belmiro de Azevedo lida com o espírito empreendedor, defendendo que agora não temos mais desculpas para não nos aventurarmos: “Integrado na União Europeia, com uma moeda forte e ousado a percorrer o futuro, Portugal já não tem desculpas”. É por isso mesmo que vale a pena correr riscos, mas eles “não são uma mera aventura desportiva”. São “fundamentados em estudos e em sintonia com recursos humanos e financeiros

adequados, em quantidade e em qualidade”, acrescenta.

Existem, no entanto, alguns “contras” que empatam os investimentos deste empresário arrojado. Belmiro diz que “em Portugal, os maiores problemas são a regulamentação e a burocracia”. Mas não são suficientemente fortes para o desmotivarem de ser um bom empreendedor. Para Belmiro de Azevedo, um bom líder “é aquele que tem como primeira prioridade formar outros líderes melhores.”

Assume que o seu objectivo enquanto empresário maduro e experiente é “transformar uma boa percentagem de colaboradores da Sonae em verdadeiros empreendedores internos - ‘intrapreneurs’ - e garantir saídas para os que pretendem tornar-se empreendedores por conta própria”.

O seu olhar altruísta - querendo formar novos líderes - talvez seja resultado da sua própria vida, muito dedicada ao trabalho. Apesar disso, diz ter tido tempo para educar os filhos, estar com os amigos e acompanhar a sua mulher. Ultimamente, deixa de parte o empresário quando sai do escritório e passa os fins-de-semana em Marco de Canaveses, aldeia de onde é natural. ■

Como cresceu a Sonae

Fundada em 1959, a Sonae tinha como objectivo produzir termolaminados decorativos e vingar no mercado dos produtos derivados da madeira. Belmiro de Azevedo entrou como engenheiro investigador em 1965. A expansão da empresa começou na década de 80. Esta foi a época da abertura de horizontes para a Sonae, quando adquiriu a primeira cadeira de supermercados e lançou o primeiro hipermercado em Portugal. A partir daí, foi sempre a somar áreas de negócios. Hoje, a Sonae gere um portfólio de negócios divididos por quatro ‘sub-holdings’: Sonae Distribuição, Sonae Sierra, Sonaecom e Sonae Capital.

Rui Nabeiro premiado pela sua preocupação social

“Fiquei tão satisfeito como se fosse considerado o Empreendedor do Ano”. É assim que Rui Nabeiro, o ‘self-made man’ da Delta-cafés, reage ao prémio “Social entrepreneur of the Year”, que a Ernst & Young lhe atribuiu. Estava também nomeado para o “Master entrepreneur of the Year”, mas diz ter sido bem entregue a Belmiro de Azevedo que “é uma pessoa com muitas mais-valias”.

Para o comendador Rui Nabeiro, o prémio assenta-lhe que nem uma luva: “Este prémio é a minha especialidade. Vai ao encontro da minha forma de estar na vida”, afirma.

O empresário responsável pelo desenvolvimento de Campo Maior - sua terra natal - diz que para se ser empreendedor “é preciso acreditarmos que somos capazes”, mas o facto do seu cantinho do interior alentejano estar perto de Espanha também “deu alguma atitude e influenciou a forma de estar na vida”. A garra herdou-a dos pais e de um tio “maravilhoso que deu passos importantes nos anos 20 e 30”. Depois, foi dedicar-se ao trabalho, ter atitude e servir bem toda a gente. “A vertente social deu-me força para percorrer um caminho de confiança e acreditar que tudo é possível”, considera.

Casado com a família e com o trabalho, diz que é difícil separar as duas vertentes da sua vida e que não há diferenças entre o pai de família e o empresário. É por isso

que tem tido força para os negócios: “sei respeitar a pessoa que está do outro lado e sei ver o problema do cliente ou do fornecedor”.

Para Nabeiro, ser considerado o “Social entrepreneur of the Year” é uma recompensa mas também “uma forma natural de saber estar e de compreender a vida”. Ter nascido num cantinho de Portugal e ver muitas pessoas carentes durante a década de 40 “obrigou-o” a fazer da área social a sua luta pessoal que aplicou ao tra-

“Este prémio é a minha especialidade. Vai ao encontro da minha forma de estar na vida”, diz Rui Nabeiro.

balho. Aos 75 anos, afirma que já não faz as coisas por ele, mas sim pelos filhos e pelos netos. E fazer coisas novas é “carolice”, considera. Por vezes, a idade fá-lo hesitar, mas no minuto seguinte sabe que o caminho certo é inovar. Por isso, 2007 reserva surpresas ‘made in’ Grupo Nabeiro. “Temos coisas para apresentar e vamos crescer e afirmar-nos mais um ano na indústria do café. Distribuição, vinhos e a gama de azeite darão mais passos este ano. ■ M.C.

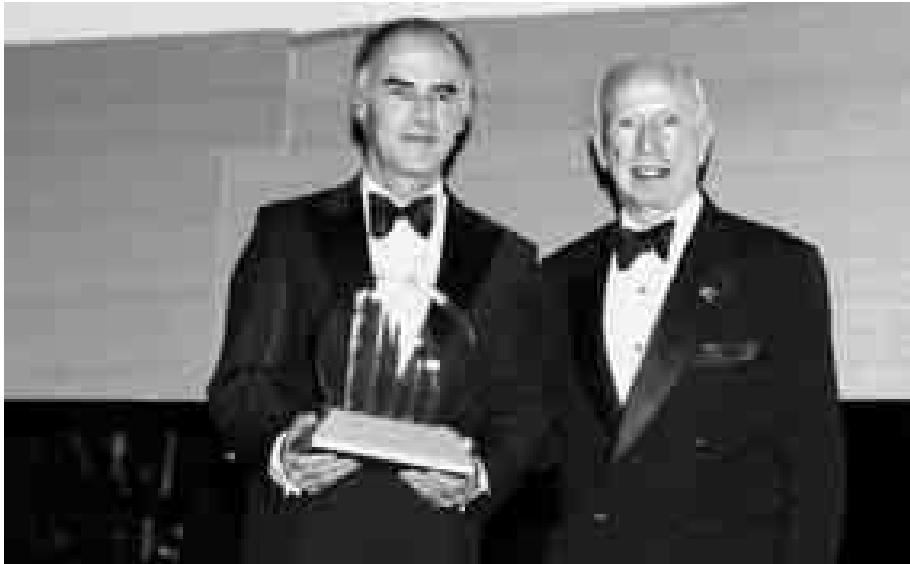
Da Torrefacção Camelo ao Grupo Nabeiro

Rui Nabeiro assumiu uma pequena Torrefacção aos 19 anos. Pertencia ao pai e a dois tios. À frente desse negócio, constituiu a Torrefacção Camelo.

Em 1961, o actual presidente da empresa decidiu criar a Delta Cafés. Começou com duas bolas de torra de 30 kg de capacidade num pequeno armazém de 50 metros quadrados na vila alentejana de Campo Maior. Dois anos depois, já tinha um departamento comercial em Lisboa. O Porto seguiu-se à capital até aos 18 escritórios que se distribuem por todos o país continental e Açores. A empresa, detida a 100% pela família Nabeiro, sofreu uma reestruturação em 1984. A separação da actividade comercial da actividade industrial, com a criação da NovaDelta. O processo continuou até à constituição de 22 empresas, organizadas estrategicamente em diferentes áreas do sector dos cafés.



Paulo Figueiredo



Paulo Figueiredo

Epifânio da Franca, o mais internacional dos empreendedores

Marina Conceição

mconceicao@economicasgps.com

“Ver-me como empreendedor é sobretudo consciencializar o ‘estado de espírito’ de quem não se conforta com o presente e procura permanentemente fazer mais e melhor”. Esta é a forma como José Epifânio da Franca, vencedor do “International entrepreneur of the Year”, vê o espírito empreendedor que originou a Chipidea Microelectrónica, empresa da qual é presidente. A nomeação representou para si “o reconhecimento de um trabalho que é de uma equipa e não apenas de um indivíduo” mas traz ainda a “responsabilidade de não defraudar no futuro” quem os encorajou. As razões que o fizeram vencedor? José Epifânio da Franca prefere remeter essa avaliação para o júri, mas diz que se considera principalmente um académico.

Quanto às dificuldades de correr riscos (que “valem sempre a pena”), Epifânio da Franca é mais peremptório e afirma que

“Para arriscar tem de haver cultura de fazer, cultura de resultados e cultura de inconformismo”, diz Epifânio da Franca.

Quem é a Chipidea

Em 1997, três professores universitários - José Epifânio da Franca, Calos Leme e João Vital - fundaram a Chipidea Microelectrónica. O que faz a empresa? Licença propriedade intelectual para produtos electrónicos de grande consumo (telecomunicações, ‘wireless’, vídeo e áudio). Mas não só. Também desenvolve a tecnologia que suporta esses produtos. A empresa começou com 100% de capital português e está hoje suportado em ‘venture capitals’ como a Kennet Venture Partners, o Rothchild Group, a Vision Capital, o BCP Capital e o BPI. Apesar de manter a sede em Portugal, a Chipidea tem oito escritórios de venda espalhados pelo mundo: França, Bélgica, Polónia, Israel, China, Coreia, EUA e Japão. Para uma empresa que aposta na tecnologia de ponta, a qualificação da mão-de-obra é fundamental, por isso, a maioria são altamente qualificados na área da Engenharia Microelectrónica. Hoje são 260 pessoas entre escritórios e seis Centros de Engenharia & Design.

“temos um Estado omnipresente e em que o ‘estado de espírito’ prevalecente é ‘não fazer’. Para arriscar tem de haver cultura de fazer, cultura de resultados e cultura de inconformismo” que vai das escolas às empresas. Percebe-se, então, que a veia de empresário está intimamente ligada com a sua vida pessoal. “Claro que é indissociável e que assenta nos mesmos alicerces”, refere. A internacionalização da empresa sempre esteve nos seus objectivos, até mesmo pela natureza do negócio. “Seria impossível e impensável de outra forma, pois a indústria de semicondutores é global e existe sobretudo nos países tecnologicamente avançados”, refere Epifânio da Franca. Por isso mesmo, o líder da Chipidea considera que é difícil prever se a tendência de internacionalização das empresas ligadas às novas tecnologias é um acontecimento efêmero ou, por outro lado, sólido.

Segundo José Epifânio da Franca, as empresas de Tecnologias de Informação “têm pela frente o enorme desafio de encontrarem os recursos humanos necessários, em quantidade e em qualidade, para sustentar um crescimento acelerado”. Enquanto líder de uma empresa, Epifânio da Franca tenta “ser um elemento facilitador das missões dos colegas e colaboradores”. Mas não só. O presidente da Chipidea encara o seu papel como um motor de estímulo, de coragem, de inquietude, de autonomia e de responsabilidade, “desafiando-os a desafiarem os seus limites”. ■

Gonçalo Quadros é o Novo Empreendedor do Ano

Para Gonçalo Quadros, presidente da Critical Software, ganhar a categoria de “Emerging Entrepreneur of the Year” foi “especialmente saboroso”. Este empresário, desde 1998, sente agora “muito orgulho e responsabilidade” e diz que “a distinção reconhece um percurso, um projecto e um conjunto vasto de pessoas”.

Não sabe como justificar a vitória, mas diz que a “humildade, trabalho e paixão” pela actividade da empresa têm sido os pilares que fazem a Critical avançar. Segundo Gonçalo Quadros, não há nenhum segredo para se ser empreendedor em Portugal. Só é preciso “muita vontade de fazer e determinação em igual medida”, afirma. Nunca se põe em causa a decisão de arriscar. “Os riscos e o prazer que temos quando os vencemos são o sal e a pimenta do nosso dia-a-dia”, acrescenta.

Criar a Critical Software foi “canja”, muito por culpa da grande determinação e persistência da equipa de fundação. “Tínhamos uma ideia e, acima de tudo, um conjunto de pessoas que fariam sempre com que essa ideia (ou outra qualquer) resultasse”, diz o presidente da empresa.

Ser um bom líder, é fundamentalmente dar o exemplo. É preciso ser coerente “entre o que se diz e o que se faz e ter capacidade para fazer”, pensa Gonçalo Quadros. É assim que o presidente da Critical Software age em todas as facetas da sua vida, quer profissional ou pessoal.

Levar a Critical Software além fronteiras foi uma necessidade desde o início devido à natureza do negócio. O ‘core business’ da empresa é desenvolver ‘software’ que permite avaliar a fiabilidade dos sistemas informáticos. Por isso, a internacionalização faz muito sentido. “Queremos estar entre os melhores. Para isso, temos de nos comparar com os melhores, competir com os melhores. E os melhores não têm necessariamente que estar em Portugal”, refere Gonçalo Quadros.

Vencer este prémio pode trazer oportunidades de negócio, uma vez que coloca nas costas do líder “notoriedade, credibilidade e confiança”, características fundamentais em qualquer negócio, refere o presidente da Critical. ■M.C.

O crescimento-relâmpago da empresa crítica

Nascida em 1998 como um ‘spin-off’ da Universidade de Coimbra, enquanto três engenheiros informáticos faziam o doutoramento, a Critical Software dedica-se a desenvolver a confiabilidade do software das empresas. Sedeada em Coimbra, a Critical conta com mais de 100 trabalhadores altamente qualificados e tem escritório em Lisboa e no Porto e subsidiárias em San Jose, nos EUA, e em Londres, no Reino Unido. Mas a empresa liderada por Gonçalo Quadros tem representantes em vários países. Nas ambições da empresa está a consolidação e a valorização dos mercados norte-americano, europeu e africano. A Critical Software, com capital exclusivamente nacional, tem um crescimento de 44% ao ano. Apenas em mercados externos, a empresa assegura 60% do seu volume de negócios. Ficou conhecida por ter como clientes a NASA, a Siemens, a Agência Europeia Espacial, a Portucel-Soporcel, a Vodafone, entre tantas outras num total de 650 clientes espalhados pelo mundo.

“Queremos estar entre os melhores. Para isso, temos de nos comparar com os melhores, competir com os melhores. E os melhores não têm necessariamente que estar em Portugal”.



Paulo Figueiredo

JOÃO MIRANDA finalista do “International Entrepreneur of the Year”

Em 1987, com 22 anos de idade, João Miranda criou a Frulact, pioneira na produção de preparados de fruta em Portugal. O empresário teve a “visão” para a oportunidade de negócio de um nicho ainda não explorado. Além disso, já tinha o ‘know-how’ da sua família, ligada aos produtos lácteos. O empreendedorismo de João Miranda sempre marcou a sua forma de ver os negócios. A empresa não se limita a pensar

“Não há sectores privilegiados, mas projectos, empresas e empresários com capacidade estratégica”.



nas necessidades das massas, mas sim de cada cliente em particular. Foi exactamente o que pensou o Fortis Bank, um dos ‘stakeholders’ da empresa. Foi este parceiro que propôs João Miranda por considerar a Frulact “um caso interessante de empreendedorismo português e mais ainda por se tratar de uma indústria agro-alimentar onde Portugal não apresenta muitos bons exemplos de sucesso e com dimensão transnacional”, refere o nomeado da Frulact.

Para João Miranda, ser incluído na lista de finalistas para o “International Entrepreneur of the Year” é um motivo de orgulho, já que “os companheiros de concurso vinham do sector das Tecnologias de Informação que estão muito promovidas hoje em dia”. Assim, a satisfação é redobrada porque prova que “não há sectores privilegiados, mas projectos, empresas e empresários com capacidade estratégica e de gestão que estejam atentos às mudanças das envolventes económicas e sociais”, diz João Miranda.

A internacionalização do negócio de preparados de frutas para as indústrias de lacticínios, gelados, pastelaria industrial e bebidas sempre foi um dos objectivos do fundador João Miranda. Assim, em 1999, a Frulact aposta no mercado norte-africano. Primeiro Marrocos, depois Tunísia, seguiu-se França (o país dos lácteos por excelência), Espanha, Argélia, Luxemburgo e Cabo Verde. Estes são os países onde a Frulact tem os pés bem assentes e dá passos firmes e definidos. A meta para os próximos dois anos é entrar em mercados competitivos como o alemão, o suíço, o belga e o holandês.

“Optimista quanto ao futuro”. É assim que João Miranda fica por conta do reconhecimento da Ernst & Young ao seu trabalho. Promete continuar a promover o desenvolvimento e crescimento da sua empresa. ■M.C.

CARLOS E JORGE MARTINS finalistas do “Master Entrepreneur of the Year”



A Martifer, empresa do sector metalomecânico, resultou da cabeça dos irmãos Martins. Em 1990, constituíram uma sociedade por quotas com um capital social de 22,4 mil euros com sede em Oliveira de Frades.

A construção de estruturas metálicas a baixos preços rapidamente evoluiu ao ponto da empresa investir em Investigação e Desenvolvimento em áreas do sector.

Depois da entrada no mercado espanhol, a Martifer pretende explorar a Europa Central e de Leste através da Polónia, Roménia e Alemanha.

Dentro de cinco anos, o Grupo prevê atingir um volume de vendas global de 1,5 milhões de euros alterando o ‘core business’ para o sector das energias renováveis. No ano passado, a empresa controlada igualmente pelos irmãos Martins e pelo Grupo Mota-Engil, foi considerada uma das dez melhores empresas para

Depois da entrada no mercado espanhol, a Martifer pretende explorar a Europa Central e de Leste através da Polónia, Roménia e Alemanha.

trabalhar em Portugal pelo ‘Great Place to Work Institute’. A gestão de recursos humanos, qualidade, higiene e segurança no trabalho são algumas razões para a atribuição desse estatuto. O mês de Março deste ano marca a entrada da Martifer na bolsa de Lisboa. ■M.C.

HORÁCIO ROQUE finalista da “Master Entrepreneur of the Year”

Empresário desde os 18 anos, o comendador Horácio Roque faz das empresas a sua vida há 44 anos. Começou a sua longa carreira em Angola, depois, na África do Sul, onde detém participações de empresas do sector da economia. Em 1980 e já em Portugal, investe em imobiliário, indústria, serviços, turismo, comércio internacional, banca e seguros.

Para o empresário a sua nomeação foi uma surpresa. “Não sei como apareci na lista da Ernst & Young e ainda hoje não sei quem propôs o meu nome”, confessa. “A Ernst & Young telefonou-me, vieram conversar comigo e depois ligaram-me a dizer que estar nomeado para o prémio e convidaram-me a comparecer no jantar de gala”, refere. Horácio Roque reagiu com naturalidade e sem qualquer empolgação à nomeação, pois a sua vida “é assim há muitos anos”, mas admite que “todos gostamos que nos alimentem o ego”.

Rentipar Financeira, Rentipar Indústria, Rentipar Seguros e Rentipar Investimentos são as ‘holdings’ de Horácio Roque. No entanto, participa ainda em vários negócios na área da economia na Europa, África, América do Sul e Austrália. Mas as suas actividades empresariais não se ficam por aqui. É presidente do Banif, que controla sociedades nas áreas da banca, seguros,

‘leasing’, aquisições a crédito, corretagem e gestão de fundos. À frente do Banif, o empresário marca presença no Brasil, Estados Unidos, Reino Unido, África do Sul, Venezuela, Canadá, Bermudas, Ilhas Cayman e Bahamas, além de Portugal, claro.

“Não sei como apareci na lista da Ernst & Young e ainda hoje não sei quem propôs o meu nome”, confessa Horácio Roque.

Em 1991, criou a Fundação Horácio Roque com um carácter educativo, social e cultural.

Condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique e Ordem de Vasco Nuñez de Balboa pelo Presidente da Republica Portuguesa e Panamá (respectivamente), foi ainda considerado a Personalidade do Ano em 2006, pela Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil. ■M.C.



LUÍS PORTELA finalista do "Master Entrepreneur of the Year"

A presidência dos Laboratórios Bial chegou às mãos do comendador Luís Portela por herança. A empresa foi fundada pelo seu avô e quando a geração mais nova assumiu o cargo de presidente, a Bial estava em 53º lugar do sector farmacêutico em Portugal.

A empresa do sector farmacêutico produz e comercializa antibióticos, anti-inflamatórios, anti-depressivos, antiasmáticos, entre outros. Mas, desde que Luís Portela está à frente da empresa que a aposta virou-se para a Investigação & Desenvolvimento (I&D). Com centros no Porto e em Bilbao, os investimentos em I&D rondam 20% da facturação da Bial. No entanto, prevê-se que entre 2000 e 2009 o volume global de investimentos em I&D atinja os 229 milhões de euros. A vertente de pesquisa é tão importante para a empresa portuguesa do sector farmacêutico que criou o Prémio Bial (em 1984) de incentivo à investigação, a Fundação Bial e Bolsas de Investigação Bial (em 1994).

Para Luís Portela, ser nomeado para um prémio é sempre "um motivo de orgulho e de satisfação" e apesar de ficar surpreendido, diz que "traduz o reconhecimento por parte da Ernst & Young e de instituições da sociedade civil (pelas quais foi nomeado) face ao trabalho que a Bial tem desenvolvido particularmente na área de I&D". Quando soube que Belmiro de Azevedo era um dos nomeados, o suspense da atribuição do prémio acabou. "Senti-me muito tranquilo porque, ao saber que o Eng. Belmiro de Azevedo era outro dos nomeados, logo entendi que seria ele o vencedor".

O espírito empreendedor de Luís Portela fê-lo lançar-se em mercados internacionais. Começou por entrar nos mercados africanos, depois na América Latina e, por fim, no mercado europeu. Actualmente, os produtos Bial são vendidos

em cerca de 30 países espalhados por quatro continentes (Europa, América, África e Ásia). No entanto, a ambição do líder da empresa leva-o a prever que, entre 2008 e 2010, vão surgir os primeiros medicamentos de origem portuguesa e de investigação resultantes dos investimentos da Bial. ■M.C.

O prémio "traduz o reconhecimento por parte da Ernst & Young e de instituições da sociedade civil face ao trabalho que a Bial tem desenvolvido em I&D".



GASTÃO TAVEIRA finalista do "International Entrepreneur of the Year"

Com 11 anos de vida, a Altitude Software está nas mãos de Gastão Taveira desde 2003, após a aquisição por um consórcio de investidores entre os quais estava o actual presidente da empresa.

O 'core business' da empresa é 'software' para gerir 'Call Centers'. No fundo, agilizam o sistema para que os clientes esperem menos tempo e ouçam menos música quando ligam para alguma empresa com 'call centers', ou seja, com assistência técnica.

Actualmente, a empresa conta com escritórios em 14 países, parcerias com mais de 600 clientes espalhados por mais de 50 países. Desde a sua criação, o objectivo da Altitude Software sempre foi a internacionalização. Assim, e apesar de estar sediada em Lisboa, a empresa tem subsidiárias em dez países (Espanha, França, Bélgica, Reino Unido, Brasil, México, Estados Unidos, Canadá, Dubai e Israel) e tem escritórios de representação na China, nas Filipinas e na Índia. Gastão Taveira soube da existência da iniciativa da Ernst & Young e decidiu propor-se. A nomeação não o surpreendeu, justificando o aparecimento do seu nome na lista por "não existirem, em Portugal, muitos casos de empresas que se tenham internacionalizado como a Altitude". Para este empresário, ser reconhecido como empreendedor é "merecido por toda a equipa" da empresa.

Com um volume de negócios de 19,3 milhões de euros (registados em 2005), o centro de Investigação e Desenvolvimento (I&D), localizado em Lisboa, representa cerca de 20% do volume de vendas. A empresa liderada por Gastão Taveira tem 230 trabalhadores de 20 na-



Ao longo da sua existência, a Altitude Software já ganhou mais de 30 prémios internacionais. Mas, para Gastão Taveira, o que conta é "a aprovação do mercado".

cionalidades diferentes, dos quais 115 trabalham em Portugal.

Ao longo da sua existência, a Altitude Software já ganhou mais de 30 prémios internacionais. Mas, para Gastão Taveira, o que conta é "a aprovação do mercado, não são os prémios que se possa ou não receber". No entanto, considera que a nomeação "teve um efeito positivo na empresa". ■M.C.

DUARTE D'OREY finalista do "Emerging Entrepreneur of the Year"

Duarte d'Orey tinha 32 anos quando assumiu o comando na empresa da sua família. Segundo o responsável, a liderança foi assumida por ele para "assegurar o controlo da sociedade e evitar que o mesmo fosse parar a mãos estranhas à família". Há três anos na sua liderança, o Grupo Orey apresenta um volume de negócios de 66,5 milhões de euros, tem 318 colaboradores e continua a apostar forte no crescimento internacional.

O Grupo Orey desenvolve a sua actividade em três diferentes áreas de negócio através de quatro sub-holding, sendo elas a Orey Shipping, que pertence à área de navegação e transportes internacionais e que desenvolve actividades de Linhas Regulares, Trânsitos, Serviços Portuários e Operações Portuárias e Logística; Orey Technical, que agrega todas as representações técnicas do grupo centra-se nas actividades Naval, Estação de Serviço Naval, Petroquímica e Monitorização e Controlo; Orey Internacional, cujas actividades são semelhantes às da Orey Shipping e Orey Financial e reúne as actividades de gestão de activos e de private banking, divididas em gestão discricionária de patrimó-

Duarte d'Orey assumiu o controlo das suas empresas para evitar que fossem parar a mãos estranhas à família.

nios, fundos de investimento e corretagem que engloba toda a área de transportes em Angola, Espanha e Moçambique.

O líder do Grupo Orey define vários objectivos para os próximos anos: continuar a crescer através de aquisições e organicamente; entregar valor aos accionistas e ganhar notoriedade. Além de definir estes objectivos, Duarte d'Orey identifica

três factores críticos para o sucesso: a existência de uma visão estratégica para os negócios do Grupo; a capacidade para potenciar as complementaridades e o espírito de equipa existente e a capacidade de execução e persistência para alcançar resultados. O líder do Grupo Orey entende que a sua capacidade de liderança "não

resulta de um privilégio familiar mas sim da continuação do ideal fundamental de manter os membros da família à frente dos destinos das empresas, tendo em conta as capacidades e profissionalismo das pessoas".

Quando questionado sobre a nomeação para a primeira edição portuguesa dos prémios, Duarte d'Orey afirma que se sentiu "muito satisfeito, já que isto prova um certo reconhecimento público pelo trabalho pelo qual eu dou a cara, mas que também envolve uma equipa de 'entrepreneurs'". ■AG.



“Entrepreneur of the Year” decorreu pela primeira vez em Portugal

CRIADO EM 1986 NOS ESTADOS UNIDOS o prémio da Ernst & Young chegou no final de 2006 a Portugal. Num evento repleto de estrelas do mundo empresarial, Belmiro de Azevedo foi o grande vencedor.

Marina Conceição
mconceicao@economicasgpps.com

Ter visão, criatividade, ousadia, espírito empreendedor e não ter medo de correr riscos. São estas as características fundamentais para ser considerado o “Entrepreneur of the Year” - ou Empreendedor do Ano -, prémio criado pela consultora Ernst & Young em 1986 nos Estados Unidos e que chegou a Portugal em 2006.

Depois de se estender a mais de 40 países, a Ernst & Young decidiu apostar no reconhecimento público de um empreendedor português por considerar que existem pessoas à frente de empresas que “mudaram e continuam a marcar a diferença na nossa sociedade, em termos económico e sociais, e que são fonte de inspiração a outros”, explica a consultora.

Para o prémio “Entrepreneur of the Year”, os candidatos podem auto-propor-se ou ser indicados por pessoas que trabalham consigo, tais como assessores, clientes ou advogados, por exemplo. Mas não basta querer. É preciso preencher alguns requisitos obrigatórios: tem de ser dono ou gestor de topo responsável pela ‘performance’ recente da empresa e membro dos órgãos de gestão de topo. Mais, tem de dirigir uma empresa estabelecida em Portugal que tenha três anos de existência, pelo menos; tem de deter, no mínimo, 10% do capital da empresa, cujo volume de negócios tem de ser superior ou igual a 1,5 milhões de euros por ano.

Validar a candidatura implica preencher um formulário e entregá-lo até à data limite estabelecida. O resto é com a organização: é esta quem estuda as candidaturas, faz uma pré-selecção, reúne-se com os candidatos seleccionados, faz um ‘dossier’ de cada um deles e o entrega a um júri independente e que abrange diferentes áreas de actividade. A partir daí, o júri é responsável pela escolha dos finalistas e do vencedor do prémio de cada um dos países.

Para vencer, é preciso “não só acreditarem nas suas ideias, mas demonstrarem capacidade para torná-las realidade”, diz a empresa organizadora. Por isso, no concurso que já decorreu em Novembro passado estiveram presentes as características do empreendedor, o seu perfil e percurso profissional, mas também as características da empresa da qual é CEO. Depois, é analisada também a estratégia da empresa, no que respeita ao posicionamento no mercado e factores do sucesso; é feita uma avaliação económico-financeira da empresa (analisando-se o crescimento, a rentabilidade económica e financeira, a qualidade dos investimentos, a estrutura financeira, a qualidade de gestão financeira e a gestão de riscos); estuda-se a gestão de recursos humanos (a partir da evolução dos efectivos, formação, nível de qualificação, métodos de motivação e de coesão social entre trabalhadores e gestores de topo);



Os vencedores da edição deste ano posam com os galardões na mão, acompanhados pela responsável da Ernst & Young e pelo presidente do júri, Basílio Horta.

analisa-se a inovação e organização através dos investimentos feitos em Investição e Desenvolvimento, patentes realizadas, sistema de qualidade e de informação e organização geral da empresa; mede-se a dimensão internacional, analisando o desempenho da empresa na exportação e na presença em mercados ex-

ternos; e, por último, o júri tem também em conta as perspectivas de desenvolvimento futuro da empresa.

O que ganha o vencedor?

A pessoa que reunir todas estas qualidades e com as melhores considerações em cada um dos campos em avaliação será o

“Entrepreneur of the Year” do seu país e fica automaticamente convidado a representar a sua nação no prémio internacional “World Entrepreneur of the Year”, a decorrer no Mónaco em Maio deste ano. Além disso, passa a ser membro da ‘World Entrepreneur of the Year Academy’, que é um fórum de desenvolvimento de relações empresariais com todos os empresários já galardoados nos diferentes países ao longo dos anos.

O prémio não atribui apenas um troféu. Ganham-se oportunidades de marketing, de relações públicas e de Networking (rede de contactos) nacional e internacional, além da grande motivação profissional que gera não só ao vencedor mas à empresa da qual é CEO. ■

Vencedores do ‘World Entrepreneur of the Year’ de 2006, 2005 e 2004

Depois de ser considerado o ‘Entrepreneur of the Year’ da África do Sul em 2005, Bill Lynch foi o vencedor da edição mundial do ano passado. Este irlandês emigrou para a África do Sul em 1971, com três mil euros no bolso e sem emprego. Começou a trabalhar na Imperial Motors, quando esta tinha um prejuízo de mais de 12 mil euros por ano. Dois anos depois, arriscou e comprou 10% da empresa. Hoje, é CEO do grupo Imperial Holdings, que conta com 36 mil colaboradores distribuídos por três continentes. Em 2005, o vencedor do prémio mundial da Ernst & Young foi Wayne Huizenga, ‘chairman’ da Huizenga Holdings Inc., que tinha sido em 2004 considerado o ‘Entrepreneur of the Year’ dos Estados Unidos. Huizenga é a única pessoa do mundo com três empresas a fazerem parte da lista das 500 Maiores da revista ‘Fortune’. Depois de sair do exército, aos 24 anos, não sabia o que fazer profissionalmente, mas aceitou um emprego para conduzir camiões e pouco depois entrou num negócio de recolha de lixo, tornando-o na maior empresa do ramo dos Estados Unidos. O filipino Tony Tan Caktiong, presidente do ‘Jollibee Foods Corporation’ foi o ‘2004 World Entrepreneur of the Year’. A ‘Jollibee’ começou como sorveteria, estendendo-se depois a menu para refeições completas. Há 26 anos contava com cinco lojas. Em 2004 já eram 1185 espalhadas por nove países. **M.C.**

